
RESENHAS

O “VENTO COMUM” NA ERA DAS REVOLUÇÕES ATLÂNTICAS

SCOTT, Julius S. *O vento comum: correntes afro-americanas na era da revolução haitiana*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2024. 256p.

A editora da Unicamp lançou em português o livro de Julius S. Scott intitulado *O vento comum: correntes afro-americanas na era da revolução haitiana*. Trata-se de uma tradução da mesma obra, publicada em 2018 nos Estados Unidos pela casa editorial Verso. O trabalho é resultado da tese de doutorado de Scott, defendida na Duke University, no distante ano de 1986, e conta com o prefácio do historiador Marcus Rediker.¹ Antes de virar livro nos Estados Unidos, a tese de Scott circulou intensamente entre estudantes e pesquisadores, fazendo de seu autor uma referência no campo da história social. As diversas

homenagens encetadas quando da sua morte, em 2021, dão um vislumbre da importância desse autor no campo intelectual norte-americano.² Com a tradução da editora da Unicamp, o público brasileiro passa ter acesso a um dos clássicos sobre a história do Caribe e do mundo atlântico no século XVIII, em plena era das revoluções.

Um dos argumentos centrais de Scott é o de que a rede comercial montada no Caribe permitiu a estreita ligação dessa região com a Europa, África e o restante da América, facilitando ainda o trânsito de notícias e ideias revolucionárias. Ao escreverem

1 Julius S. Scott, “The common wind: Currents of Afro-American Communication in the Era of the Haitian Revolution”, Tese (Doutorado em História), Duke University, Durham, 1986.

2 Ver a homenagem de ex-orientandos de Julius Scott quando do seu falecimento em: Vincent Brown, Laurent Dubois & Jennifer L. Morgan, “Julius S. Scott (1955–2021): Historian of the Black Atlantic”, *Perspectives on History: The Newsmagazine of the American Historical Association*, [\[link\]](#). Acesso em 9 jul. 2025.

a história do comércio, os historiadores, destaca Scott, frequentemente “não dedicam a devida atenção a um dos aspectos mais importantes do intercâmbio: as informações que estavam continuamente trocando de mãos” (p. 135). A rede de comunicação costurada pelos trabalhadores do mar, composta em sua grande maioria por gente despossuída, com origens diversas, ajudou a criar um campo subversivo de contestação da escravidão e do colonialismo. Esse processo que conectou as diversas áreas do mundo atlântico foi intitulado pelo autor de “vento comum”.

Em entrevista concedida a N.D.B. Connolly, professor do Departamento de História da Johns Hopkins University, quando do lançamento de seu livro em inglês, Scott falou do processo formativo que o levou à escrita de *O vento comum*.³ Ele destacou inicialmente o fato de pertencer a uma família afro-americana e crescer em Atlanta (Georgia), cidade com referenciais fundamentais para a história e a cultura

negra norte-americanas. Foi nessa localidade, por exemplo, que nasceu Martin Luther King e o reverendo Joseph Lowery, lideranças capitais na luta contra a segregação racial no país. Scott comentou ainda sobre as ligações de Atlanta com o Caribe, o que ele começou a perceber ainda bastante novo. Ao rememorar sua experiência de juventude, ele disse que um dos primeiros lugares em que ouviu o *pidgin* falado nas Bahamas foi na casa de seu vizinho e amigo Keith, cuja mãe havia nascido naquela ilha caribenha.

Em sua formação acadêmica, Scott diz ter ficado muito impressionado com o livro *Mediterrâneo*, de Fernand Braudel, que fez do mar seu personagem principal, e destacou os vários laços daquela região com diferentes partes do globo. Scott diz que essa obra o levou a refletir sobre o Caribe no século XVIII como zona de contato entre pessoas e como lugar de intensa troca de mercadorias.⁴ Suas preocupações, porém, diferentemente de Braudel, se concentravam

3 Ver a publicação da entrevista de N.D.B. Connolly com Julius Scott em “An Uncommon, Unconquerable Mind: Our Friend, Julius S. Scott III (1955–2021)”, *Public Books*,  . Acesso em 09/07/2025.

4 Fernand Braudel, *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na época de Filipe II* (2 Volumes), São Paulo: EDUSP, 2016. A primeira edição em francês do livro de Braudel é de 1949.

especialmente em pensar as formas de comunicação e transmissão de ideias forjadas por trabalhadores (livres e escravizados) no Caribe.

Quando Scott entrou para o programa de pós-graduação em Duke no ano de 1978, as universidades americanas vivenciavam o contexto de mudanças provocados pelo movimento civil contra a segregação racial. As décadas de 1960 e 1970 viram nascer os vários programas dedicados aos estudos da história e cultura afro-americanas. Em termos de produção acadêmica, foi justamente nesse período que ganharam espaço obras que enfatizavam as diversas tradições culturais atlânticas para se entender a experiência de trabalhadores escravizados e livres na América, África e Europa. Data de 1972-1973, por exemplo, a produção de *O nascimento da cultura afro-americana*, de Sidney Mintz e Richard Price, que circulou em formato manuscrito entre estudiosos durante duas décadas antes de ser publicado como livro.⁵ Também foi no começo

dos anos 1980 que Peter Linebaugh publicou os artigos “What if C.L.R. James had met E. P. Thompson in 1792” (1981) e “All The Atlantic Mountains Shook” (1982).⁶ Em ambos, Linebaugh propõe uma agenda de pesquisa sobre a formação da classe trabalhadora a partir de uma perspectiva que ultrapassasse as fronteiras dos impérios coloniais e dos Estados-nação.

Na tese de doutorado defendida em 1986, Scott não chegou a citar Fernand Braudel, mas os demais autores estavam lá em sua bibliografia. Scott faz referência a “The origins of the Jamaican internal marketing system”, de Sidney Mintz e Douglas Hall, e a “Marroon societies: rebel slave communities in the Americas” de Richard Price, trabalhos fundamentais naquele momento para se entender o processo de transformação

antropológica, Rio de Janeiro: Pallas; Editora Cândido Mendes, 2003.

- 6 Peter Linebaugh, “What if C.L.R. James had met E. P. Thompson in 1792?”, *Urgent Tasks*, n. 12 (1981), pp. 108-110; Peter Linebaugh, “All The Atlantic Mountains Shook”, *Labour /Le Travailleur*, n. 10 (1982), pp. 87-121. Este último artigo de Linebaugh foi publicado em português: Peter Linebaugh, “Todas as Montanhas Atlânticas Estremeceram”, *Revista Brasileira de História*, n. 6 (1983), pp. 7-46.

5 O manuscrito de Mintz e Price foi publicado nos EUA em 1992, já no Brasil saiu em 2003. Sidney Mintz & Richard Price, *O nascimento da cultura afro-americana: uma perspectiva*

do Caribe em uma sociedade de plantation no século XVIII e as formas de resistência criadas pelos escravizados.⁷ Scott citou também “What if C.L.R. James had met E. P. Thompson in 1792”, demonstrando estar atento às discussões sobre os processos de trocas culturais que ligavam o Caribe ao restante do mundo atlântico.

Rediker, que não era apenas leitor e admirador de Scott, mas interlocutor de longa data, destaca ainda outros três trabalhos que foram centrais para a construção de *O vento comum*. Inicialmente, ele cita *O mundo de ponta cabeça: ideias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640*, de Christopher Hill, que contribuiu para Scott pensar a condição dos trabalhadores “sem senhores” que viviam e transitavam pelo Caribe. E destaca ainda os estudos de C.L.R. James, *Mariners, Renegades, and Castways: the Story of Herman Melville and the World we Live in*, e de Georges Lefebvre, *O grande medo de 1789: os camponeses e a Revolução Francesa*.

7 Sidney Mintz & Douglas Hall, “The origins of the Jamaican internal marketing system”, *Yale University Publications in Anthropology*, n. 57 (1960). Richard Price, *Maroon societies: rebel slave communities in the Americas*, Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1979.

O livro de James, segundo Rediker, contribuiu para o historiador norte-americano se aprofundar no estudo dos “sujeitos heterogêneos e nômades que conectaram o mundo” no início da era moderna, enquanto o de Lefebvre ajudou a considerar o peso dos boatos nos processos de agitação social e política.⁸ É nesse ambiente intelectual que Scott propõe sua tese sobre o “vento comum”, responsável por conectar gente de três continentes distintos (África, América e Europa) que trocavam informações e ideias revolucionárias no século XVIII.

O livro de Scott é dividido em cinco capítulos. Nos dois primeiros, o autor mostra o processo de montagem da produção açucareira em larga escala no modelo de plantation no Caribe, caracterizada pela exploração intensiva do trabalho escravizado africano e pela produção acelerada de açúcar. O autor trata ainda das fortes conexões entre as maiores

8 Christopher Hill, *O mundo de ponta cabeça: ideias radicais durante a Revolução Inglesa de 1640*, São Paulo: Companhia das Letras, 1987; C.L.R. James, *Mariners, Renegades, and Castways: the Story of Herman Melville and the World we Live in*, New York: By the Author, 1953; Georges Lefebvre, *O grande medo de 1789: os camponeses e a Revolução Francesa*, Rio de Janeiro: Editora Campus, 1979.

ilhas do Caribe (Cuba, Jamaica e São Domingos/Hispaniola) entre si e delas com o velho continente e a África. Apesar das leis de monopólio de comércio, vigentes durante boa parte do século XVIII, o contrabando e as diferentes demandas locais mantiveram essas ilhas, pertencentes a diferentes impérios coloniais, mais próximas (seja entre elas ou ainda em relação ao mundo) do que se pode pensar inicialmente. O mar que as separava, mais do que uma barreira, era uma avenida por onde transitava gente, mercadorias e informações.

Juntamente com o processo de montagem do Caribe como região de plantation, Scott descreve os diversos modos de luta empreendidos pelos trabalhadores do mar e das ilhas. Destaca, por exemplo, a longa tradição de o Caribe ser um local de esconderijo para desertores, piratas e outros bucaneiros. Trata ainda da atuação dos quilombolas que procuravam fugir para as regiões montanhosas no interior das ilhas caribenhas, em busca de esconderijo, ou ainda que se aproveitavam da navegação regional para mudar de território e, portanto, de jurisdição colonial. Durante parte do século XVIII, a Espanha, por

exemplo, dava abrigo a cativos provenientes de áreas coloniais cuja religião principal não era o catolicismo. Se as conexões comerciais ligavam o Caribe com o restante do mundo, elas também favoreceriam os processos de enfrentamento da própria ordem colonial e senhorial.

Já no capítulo 3 o autor mostra como as tradições rebeldes do Caribe “assumiram um significado ainda mais amplo” quando influenciadas por reformas e revoluções que começaram a pipocar no final do século XVIII (p. 95). Nesse capítulo, ele trata de três grandes acontecimentos que atingiram o Caribe para ganhar força e enorme potencial transformador: 1) a campanha para a proibição do tráfico de escravizados na Inglaterra; 2) o reformismo Bourbon na Espanha e; 3) a Revolução Francesa. Scott começa demonstrando como o debate sobre a abolição do tráfico atlântico na Inglaterra agitou os cativos no Caribe, que passaram a vislumbrar o fim da escravidão. O autor mostra ainda como o Caribe impactou o próprio debate sobre o tráfico no velho continente. As histórias correntes nas ilhas caribenhas sobre o funcionamento do comércio negreiro (despejo de gente

no mar, castigo físico aplicado a escravizados e à tripulação de homens livres, elevados índices de mortes de africanos), repassadas aos abolicionistas ingleses por escravizados, marinheiros e comerciantes, ajudaram a potencializar os discursos e a campanha contra o tráfico atlântico no parlamento em Londres.

O capítulo três descreve ainda como as discussões sobre o reformismo espanhol (promovido pelos Bourbons) empolgou escravizados no Caribe com a possibilidade de reformas da escravidão. As propostas da Espanha visavam tornar suas colônias mais ágeis e competitivas na corrida pela produção açucareira. Para isso, buscava-se, entre outras coisas, tornar mais racional o uso da mão de obra escravizada, prevendo, por exemplo, a proibição de trabalho noturno, a necessidade de cristianização dos escravizados, a importância de os senhores fornecerem roupa e alimentos adequados aos trabalhadores, a necessidade de cuidarem de idosos e doentes etc. Tais medidas não eram revolucionárias, ao contrário, buscavam otimizar o trabalho, mas foram entendidas pelos cativos como ações tomadas pelo rei

contra seus senhores. As notícias sobre elas criaram grande expectativa de melhora de condições e de liberdade, o que fez com que os espanhóis cancelassem a implantação da reforma. A rede de comunicação oral do Caribe deu ao reformismo Bourbon um sentido mais radical do que pretendiam os espanhóis.

Por fim, o capítulo três trata também da chegada das notícias da Revolução Francesa (1789) e da agitação que ela provocou em livres e cativos. Nas colônias francesas, a revolução teve impacto inicialmente nos senhores locais, que viram a possibilidade de se livrar das limitações impostas pela metrópole sobre comércio e sobre sua participação política. Os ideais revolucionários também impactaram os livres não-brancos, que passaram a exigir direitos iguais aos demais homens livres. Ambos pressionaram os ideais da revolução francesa para novos direitos e ampliação dos sentidos disputados na Europa. Tais debates – sobre igualdade, liberdade e fraternidade – chegaram às senzalas, desencadeando a maior revolução de escravizados das Américas. Em agosto de 1791, os cativos em

São Domingos deram início a uma revolução que pôs fim à escravidão e proclamou a independência daquela colônia caribenha frente à França.

Já no capítulo quatro, o autor demonstra como as notícias da Revolução Francesa circularam para além de São Domingos, impactando todo o Caribe. Autoridades da Espanha, Inglaterra e França buscaram impedir (sem sucesso) a difusão das informações sobre os acontecimentos em Paris, cientes do seu potencial de agitação nas plantations caribenhas. Novamente as redes comerciais foram fundamentais para a propagação dos ideais revolucionários. Por fim, no capítulo cinco o autor trata do impacto da própria Revolução de São Domingos no Caribe e nas Américas. Scott descreve o deslocamento de refugiados da guerra, a fuga de senhores e seus cativos e a ampla circulação da notícia daquela revolução pelo atlântico. O autor descreve ainda os diversos movimentos insurrecionais de cativos surgidos no final do século XVIII e começo do XIX, embalados pelos sucessos dos rebeldes de São Domingos. As medidas repressivas tomadas pelas potências coloniais

também são abordadas por Scott, mostrando os esforços empreendidos por senhores e autoridades para evitar a desmontagem do mundo da plantation escravista. O exemplo revolucionário de São Domingos se mostrou, porém, resiliente às restrições dos governos coloniais e ao próprio tempo.

Para escrever *O vento comum*, Scott utilizou fontes que englobavam desde relatórios da administração colonial, correspondência das autoridades locais (Caribe) e metropolitanas, até relatos de viagens. Tais documentos não eram desconhecidos dos especialistas na história do Caribe e do colonialismo europeu quando foram explorados por Scott, mas a grande novidade de seu trabalho ficou por conta da maneira como ele leu esses documentos em busca de rastrear indivíduos e ideias que circularam pelo Atlântico Norte. Ao invés de se concentrar nas formas de controle e repressão empreendidas pelas autoridades dos impérios coloniais em relação aos grupos despossuídos, ou de focar o volume e cifras do comércio, Scott afinou o olhar para entender como os despossuídos (escravizados e livres pobres

em geral) se organizaram para enfrentar governantes e senhores, e como reproduziram e ressignificaram ideias radicais no atlântico.

No prefácio que Rediker faz de *O vento comum*, ele reconhece a originalidade incrível dessa obra quando do seu aparecimento em 1986, bem como destaca o fato de o autor inspirar novas formas de ler a documentação do século XVIII. Rediker diz que se trata de um dos estudos “mais criativos” que já conheceu, ao se referir à maneira de analisar fontes da chamada “Era das Revoluções”. Se Scott se mostrava atento às proposições dos anos 1970 e 1980 sobre o processo de formação atlântica da classe trabalhadora, quando da escrita de sua tese de doutorado, como vimos acima, ele certamente foi pioneiro ao demonstrar como era possível fazer esse tipo de estudo na prática. O próprio livro de Rediker e

Linebaugh (*A hidra de muitas cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do atlântico revolucionário*), lançado em 2000 nos Estados Unidos, e oito anos mais tarde no Brasil, se beneficiou do caminho analítico proposto por Scott.⁹ De fato, as obras desses três historiadores – Rediker, Linebaugh e Scott – guardam influências mútuas, ao compartilharem o vento comum de correntes historiográficas do final do século XX.

O livro de Scott é uma grande obra da história social, uma lição de método sobre como escrever história de gente que quase nunca deixa registros próprios sobre suas formas de se comunicar e agir (radicalmente) no mundo em que vivem.

Ricardo F. Pirola  

Universidade Estadual de Campinas

doi: 10.9771/aa.v0i71.70520

9 Peter Linebaugh & Marcus Rediker, *A hidra de muitas cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do atlântico revolucionário*, São Paulo: Companhia das Letras, 2008.